

Cibernéticos Low Tech

Low Tech Cybernetics

Resumo: [RESENHA DE EXPOSIÇÃO] Cibernéticos *Low Tech*, Espaço de Arte Daniel Bellora, junho a julho de 2019, Pelotas/RS, Brasil.

Palavras-chave: Cibernética; *low tech*; colagem; simulacro.

Abstract: [EXHIBITION REVIEW] *Low Tech Cybernetics*, Daniel Belora Art Space, June to July, 2019, Pelotas, RS, Brazil.

Keywords: *Cybernetics*; *low tech*; *collage*; *simulacrum*.

No lastro do projeto Nômades Urbanos, dedicado aos habitantes das ruas e sua maestria na arte de viver de refugos, a exposição *Cibernéticos Low Tech*, de Mauro Bruschi, apresentada entre junho e julho de 2019 no Espaço Daniel Bellora (Pelotas/RS), reúne suas obras plásticas mais recentes¹, acompanhadas do vídeo de animação *Colonização Cibernética*. Ambos os projetos, fruto da interlocução entre artes plásticas e antropologia, questionam sobre os rejeitos da sociedade e a fluidez da condição humana.

À imagem refratária dos robôs humanoides de inteligência artificial, como os geminóides de Hiroshi Ishiguro², concebidos na assepsia de laboratórios *hi tech*, as figuras antropomórficas e zoomórficas apresentadas nesta exposição são simulacros de autômatos resultantes de um paciente trabalho de desmontagem

de máquinas e mídias obsoletas, sucatas e dejetos eletrônicos retirados das ruínas da sociedade de consumo. Reterritorializados e bricolados em ateliers *low tech*, configuram seres abjetos pertencentes a um reino híbrido de criaturas anacrônicas que respondem ao apelo de Didi-Huberman (2017, p. 206): “é preciso instituir os restos: tomar nas instituições o que elas não querem mostrar - o rebotalho, o refugo, as imagens esquecidas ou censuradas - para retorná-las a quem de direito, quer dizer, ao ‘público’, à comunidade, aos cidadãos.”



Colonização Cibernética, Mauro Bruschi, 2017.

Fruto de desigualdades e deformações em constante devir, os seres quase-humanos, quase-bestas, quase-máquinas de *Cibernéticos Low Tech* interrogam sobre a onipresença da tecnologia em nosso cotidiano e convocam a discussões éticas e ontológicas incontornáveis da atualidade. Muitas delas vêm sendo amplamente exploradas pela ficção científica desde meados do século passado, como no clássico da literatura robótica de Isaac Asimov. No diálogo entre dois humanos e Cutie, um androide que

[1] Obras desta série também foram expostas: na Bienal Internacional de Arte Contemporânea Eve-Marie Zimmermann (St Miguel de Abona/Espanha, 2016); na Miami New Media Festival (Miami/EUA, 2017); na Galeria Ágape (Pelotas/Brasil, 2017) e no Espaço de Arte Chico Madrid (Pelotas/Brasil, 2017);

[2] Laboratórios de Hiroshi Ishiguro: <http://www.geminoid.jp/en/index.html>

Claudia Turra Magni
Doutora em Antropologia Social e Etnologia pela École des Hautes Etudes en Sciences Sociales. Professora do Bacharelado e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas/UFPEL. Coordenadora do Laboratório de Ensino Pesquisa e Produção em Antropologia da Imagem e do Som (LEPPAIS/ICH/UFPEL). clauturra@yahoo.com.br

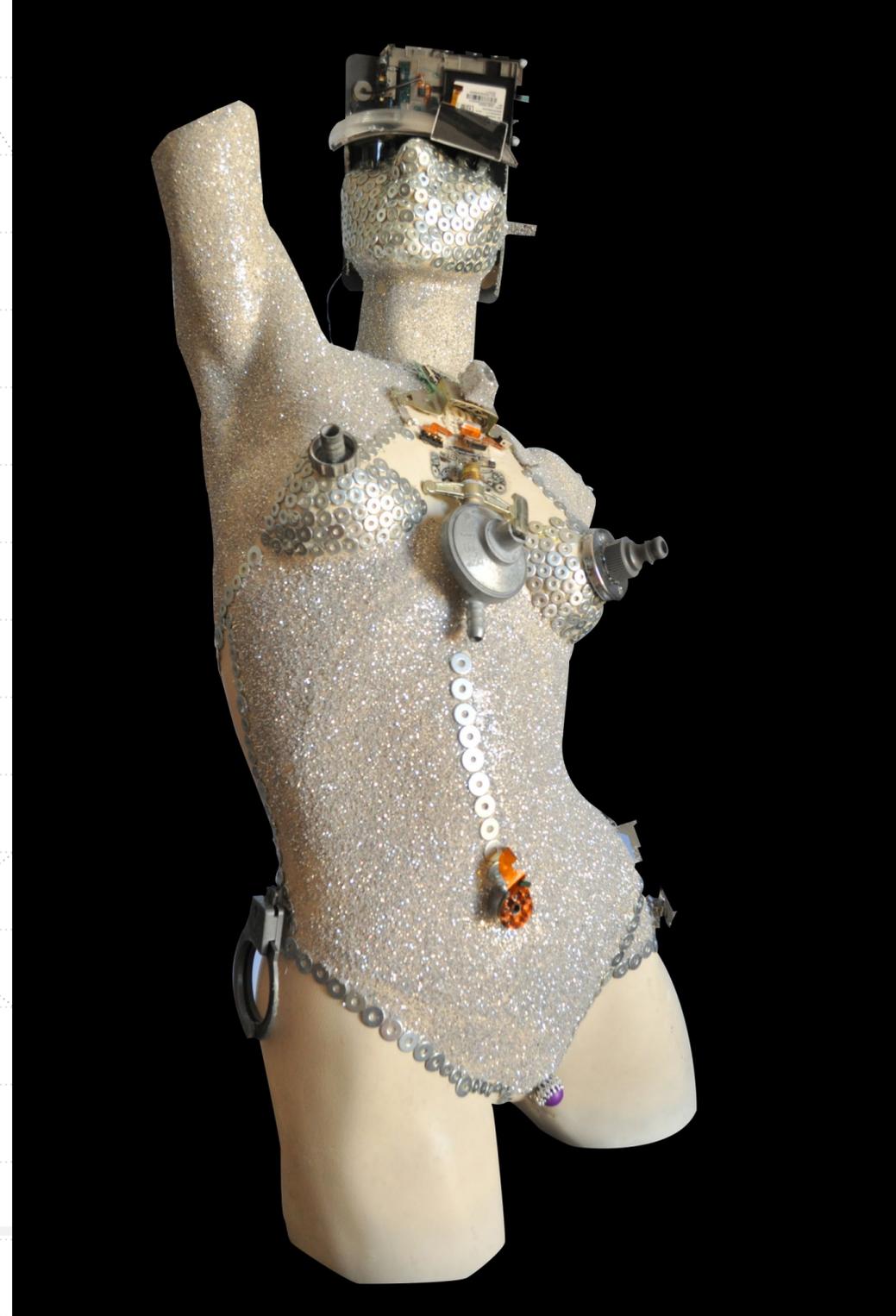
Mauro Bruschi
Bacharel em Desenho pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFPEL. Artista independente. mauro_bruschi@yahoo.com.br

os interpela, transparecem rupturas e paradoxos entre as condições biológica e maquina:

– Olhem só para vocês – disse, afinal. – Não digo isso com espírito de desprezo... mas olhem só para vocês! O material de que são feitos é mole e flácido, desprovido de resistência e força, cuja energia depende da oxidação ineficiente produzida por material orgânico como... aquilo – apontou com ar de desaprovação para os restos do sanduíche de Donovan. – Entram periodicamente em estado de coma e a menor variação da temperatura, da pressão do ar, da umidade ou da intensidade da radiação compromete sua eficiência. São temporários (ASIMOV, 2014, p. 54).

Além de eclipsar nossa fragilidade, insuficiência e solidão, as máquinas afetivas, *love dolls* e robôs empáticos, incrustadas no imaginário coletivo há longa data, estão disponibilizados em protótipos e para amplo consumo no mercado. Projetam-se dos livros e das telas de cinema, para coabitar nossos corpos e cotidiano, corroendo fronteiras e superando dicotomias uma vez imaginadas entre realidade e ficção, natureza e artifício, humanos e máquinas (HARAWAY, 2000). No novo milênio, as relações entre ciência e política, tecnologia e sociedade, tornaram-se cada vez mais estreitas, como nos alerta Bruno Latour (2012), e a virada ontológica questiona a perspectiva antropocêntrica no estudo das relações entre humanos e não-humanos, redes sócio-técnicas e agência das coisas na vida social.

Neste sentido, o campo de interação entre antropologia, artes e animismo tecnológico é terreno fértil para o desenvolvimento de investigações estéticas e poéticas. As obras inquietantes apresentadas, por Bruschi, atentam para o risco de distopias e acirramento de desigualdades; fazem bascular um ideal estanque de humanidade e interrogam sobre as formas de produção, consumo e descarte vislumbradas por proezas tecnológicas.



Mauro Bruschi. *Ginoide I*. Objeto. 2017.



Mauro Bruschi, *Cibertrônico low tech I*, colagem sobre papel, 2016.



MAURO ADRIANO BRUSCHI
2213
17/09/1965, M, 50Y
00300018725
01/07/2016
08:11:50.12
602 IMA 2
VRT

RA

AL

Mauro Bruschi, *Auto retrato II*, colagem digital em tomografia, 2017.

Referências

ASIMOV, Isaac. **Eu, robô**. São Paulo: Aleph, 2014.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Devolver uma imagem. In: ALLOA, Emmanuel (org.). **Pensar a imagem**. São Paulo: Autêntica, 2015, p. 205-226.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; SILVA, T.T. (Orgs.). **Antropologia do ciborgue**. As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**. Uma introdução à teoria ator rede. Salvador: EDUFBA; Bauro: EDUSC, 2012.